
PROGRAMA SÓCIO CULTURAL – PSC
SÉTIMO CONCURSO LITERÁRIO

TEMA: Quando Entrei

Eu sabia que aquele lugar tinha uma sintonia comigo. Enquanto o corretor falava sobre o valor da casa, íamos adentrando seus quartos e seus salões. Era uma casa enorme para os padrões atuais. Suas paredes estavam sujas, com muita poeira nos móveis de mais de 30 anos. Quase toda a mobília estava intacta, a não ser por alguns arranhões. Era feita de madeira bruta e com incríveis detalhes.

O corretor não parava de falar, mas não prestei muita atenção. Até que num dado momento ele começou a contar sobre os antigos donos do local, um casal que morrera há 3 ou 4 anos. Disse que aquela casa não era habitada desde aquela época, os herdeiros não queriam retornar para ali.

Nesse momento passei a me interessar pela história e perguntei ao homem o motivo da ausência dos filhos ali. O corretor, animado pela possibilidade de venda, não me negou qualquer informação. Contou mais.

Os donos eram um amável casal de velhinhos com quem o corretor já fizera negócios no passado. A senhora costumava ficar mais em casa, sempre em sua cadeira de balanço, esta agora na sala de estar. Seu esposo era agitado, mesmo com a idade avançada não deixava de cuidar do jardim. O corretor ia me guiando pela casa até que chegamos ao grande e inconfundível jardim, com suas estátuas de cimento, porém, hoje morto pela falta de cuidado, sem flores, a terra ressecada no sol. Também comentou que todos os móveis da casa tinham sido feitos pelo senhor, um marceneiro habilidoso. Seus filhos, de tão chocados com a morte seguida de ambos, e pelo amor cultivado pela casa, afastaram-se por completo. Depois de todos esses anos, então, decidiram vendê-la.

Assim continuamos a visita, o corretor voltando ao foco da apresentação do imóvel, e eu a pensar no casal. Por fim, proposta e contraproposta feitas, combinamos um reencontro.

Passaram-se algumas semanas e eu já era dono da linda casa, hoje limpa e repintada. Mantive o tom original das cores das paredes. Maria, ah, a dona Maria, escolhera os tons com tanto cuidado. Agora eu também lustrara os móveis que o seu Teodoro construía. O jardim era o único lugar onde eu ainda não tinha mexido, nessa época deveria estar florido com as rosas, ter algumas verduras na horta anexa.

Descobri que o seu Teodoro trabalhava no mesmo lugar onde trabalho atualmente, a Companhia de Habitação Popular de Campinas, ele sempre adorou a construção civil. Iria amar as festividades de 50 anos, assim como as nossas futuras obras. Dona Maria era indiferente nesse assunto. Ou pior: dizia que obras e reformas resultavam em sujeira e muito trabalho para limpar. Gostava mesmo era da cozinha, em especial fazer pão de queijo.

Obrigado a repor o piso da frente da garagem, que há tempos não suportava o peso da caminhonete do seu Teodoro, antes descobri os pisos novos empilhados num quarto de despensa. Sim, seu Teodoro já planejava trocá-los. E, perfeccionista como era, teria



observado cada detalhe do meu trabalho. No dia em que fiz a reposição, senti seu olhar em cima de mim, observando minúcias dos encaixes e rejuntas.

Na companhia, no evento de comemoração dos 50 anos, em uma das muitas fotos de um mural gigantesco, organizado por linhas de tempo, lá estavam o Senhor Teodoro Brenno Palacios e Senhora, numa raridade com mais de 25 anos. Olhando fotos de outros funcionários, de obras executadas e de outras festividades, foi como se ouvisse sons daquela época, vozes e britadeiras, gritos e ranger de ferramentas.

E agora que terminei de ler o diário do seu Teodoro, escrito na verdade pela dona Maria, sim, diário desse velhinho simples, encontrado no meio de fotos de família, percebo o quanto de história ele deve ter protagonizado nas casas que construiu. Porque hoje, ainda meio acordado, meio dormindo, sinto da cama um cheiro de pão de queijo, e o barulho da enxada batendo, batendo, no jardim de casa.

Todos os personagens deste conto são fictícios.

Código de Inscrição: 30